

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Cafezeiro-do-Mato

Casearia sylvestris

volume

2

Cafezeiro-do-Mato

Casearia sylvestris



Cafezeiro-do-Mato

Casearia sylvestris

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Casearia sylvestris* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Violales

Família: Flacourtiaceae

Gênero: *Casearia*

Espécie: *Casearia sylvestris* Swartz.

Publicação: Fl. Ind. Occid. 2.752, 1798

Sinonímia botânica: essa espécie tem uma sinonímia considerável, disponível em Sleumer (1980).

Nomes vulgares por Unidades da Federação: caferana, em Alagoas; caiubim e caiumbim, no Acre; saritan, no Amazonas; marinheiro, marinheiro-bravo, são-gonçalo e são-gonçalinho, na Bahia; cabatão, café-brabo, café-bravo, guaçatonga, língua-de-tiú e pau-de-lagarto, no Ceará; erva-de-tiú e tiú, no Distrito Federal: chá-de-fra-

de, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul; café-do-mato, cafezeiro-do-mato, erva-de-lagarto, erva-de-tiú, espeto, guaçatonga, língua-de-tiú e pau-de-lagarto, em Minas Gerais; caiubim, carneiro e espeto, na Paraíba; baga-de-pomba, café-de-bugre, cafezeiro-brabo, cafezeiro-bravo, cafezeiro-do-mato, erva-de-lagarto, erva-de-macuco e vaçatunga, no Paraná; caiubim, caubim e quaiubim, em Pernambuco; arco-de-pipa, guaçatonga e guaçatunga, no Estado do Rio de Janeiro; ramo-de-carne, no Rio Grande do Norte; café-de-bugre, cafezeiro-do-mato, carvalhinho, chá-de-bugre, erva-de-bugre, erva-de-pontada, guaçatunga e varre-forno, no Rio Grande do Sul; breu-de-tucano, em Rondônia; cafeeiro, cafeeiro-do-mato, cafezeiro e erva-de-lagarto, em Santa Catarina; café-bravo, café-do-diabo, cafezinho-do-mato, canela-de-veado, erva-de-lagarto, erva-de-macuco, fruta-de-pomba, guaçatonga, lagarteira, lagarteiro, língua-de-tiú, mata-gado e pau-de-lagarto, no Estado de São Paulo; camarão, em Sergipe.

Nomes vulgares no exterior: *cusé*, na Bolívia; *cafecillo cimarrón* e *hierba de burro*, no Paraguai; *guazatunga*, no Uruguai.

Etimologia: o nome genérico *Casearia* é em homenagem ao missionário holandês Casearius (KLEIN; SLEUMER, 1984); o epíteto específico *sylvestris* vem do latim *sylvestris*, da floresta ou silvestre (MARCHIORI, 1995).

Descrição

Forma biológica: subarbusto, arbusto, arvoreta a árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 20 m de altura e 40 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta. No Pico das Almas, na Chapada Diamantina, BA, os indivíduos encontrados medem 0,50 m de altura (STANNARD, 1995), atingindo até 3,00 m de altura, na Serra do Cipó, em MG (LIMA et al., 2004).

Tronco: de seção cilíndrica, é reto a tortuoso, com base normal a ligeiramente canaliculada, e com esgalhamento abundante. Fuste geralmente curto, com até 5 m de comprimento.

Ramificação: dicotômica e simpódica. A copa é baixa, densifoliada, fastigiada a arredondada, com folhagem verde-escura. Os ramos apresentam extremidade glabra a pubescente, com lentícelas esparsas a numerosas.

Casca: com espessura de até 5 mm. A casca externa ou ritidoma é cinza-escura, fissurada, com a separação em pequenas escamas (descamação). A casca interna é de cor amarelada; textura curto-fibrosa; estrutura trançada (ROTTA, 1977).

Folhas: são simples, oblongas, elípticas ou ovado-oblongas. A base foliar é atenuada, simétrica a assimétrica e a lâmina foliar mede de 4 a 14 cm de comprimento por 1 a 4 cm de largura, de consistência membranácea a papirácea. São totalmente glabras, mas, às vezes, apresentam a nervura central numa ou em ambas as faces. Quando observadas contra a luz, notam-se pontuações translúcidas pequenas, numerosas e distribuídas por toda a lâmina. A margem é levemente glandular-serrulada a serrada. A venação nunca é subtriplinérvea, inconspícua a conspicua na face superior, e inconspícua a proeminente na face inferior. O pecíolo é glabro a pubescente, mede de 0,5 a 0,6 cm de comprimento. Apresenta estípulas caducas.

Por ocupar diferentes ambientes, essa espécie apresenta grande variação com relação ao tamanho, à forma e à textura das folhas, e à pilosidade dos ramos mais jovens (TORRES; YAMAMOTO, 1986).

O cafezeiro-do-mato apresenta folhas dísticas, como as da bicuíba (*Virola bicuiba*), que lembram folhas compostas, semelhantes às do cedro (*Cedrela fissilis*), da canjarana (*Cabralea canjerana* subsp. *canjerana*) e do cuvata (*Cupania vernalis*), motivo pelo qual pode ser confundida

com essas árvores pelos inexperientes (REITZ et al., 1983).

Inflorescências: são sésseis, reunidas em pequenas umbelas congestas e curto-pedunculadas, com 20 a 40 flores afixadas na axila foliar.

Flores: são pequenas, mas numerosas, afixadas ao longo dos ramos, brancas, verde-esbranquiçadas, verde-amareladas ou creme, pouco vistosas e escondidas no meio das folhas.

Fruto: é uma cápsula ovóide e mede cerca de 5 mm de diâmetro. É vermelha, tem cálice persistente e contém de 1 a 7 sementes.

Sementes: são glabras, apresentam testa foveolada, com o arilo amarelo e pegajoso.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: o cafezeiro-do-mato é uma espécie hermafrodita (RAMALHO, 2004).

Vetor de polinização: principalmente abelhas sem ferrão (Apidae: Meliponinae – *Melipona bicolor*, *Melipona marginata*, *Melipona rufiventris*, *Paratrigona subnuda*, *Partamona helleri*, *Plebeia droryana*, *Scaptotrigona bipunctata*, *Schwarziana quadripunctata*, *Trigona fulviventris* e *Trigona spinipes*) e os sirfídeos (Diptera: Syrphidae) (ARRUDA; SAZIMA, 1996).

Floreação: ocorre de maio a dezembro, no Estado de São Paulo (ENGEL; POGGIANI, 1985; MANTOVANI; MARTINS, 1993; RAMALHO, 2004); de junho a julho, em Minas Gerais (BRINA, 1998); de junho a novembro, no Paraná (WASJUTIN, 1958; ROTTA, 1977; CARVALHO, 1980); em agosto, em Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994) e de setembro a outubro, no Rio Grande do Sul (BACKES; NARDINO, 1998).

Frutificação: os frutos maduros ocorrem de agosto a outubro, em Minas Gerais (BRINA, 1998); de agosto a dezembro, no Estado de São Paulo (ENGEL; POGGIANI, 1985); em outubro, em Santa Catarina e de novembro a dezembro, no Paraná.

Dispersão de frutos e sementes: é zoocórica, principalmente pelo sabiá (*Turdus rufiventris*) e o mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*) (POTT; POTT, 1994; MORAES, 1992).

Ocorrência Natural

Latitudes: de 00° 54' N, no Amapá a 31° 50' S, no Rio Grande do Sul. Fora do Brasil, de 17° N, no México (SLEUMER, 1980).

Variação altitudinal: de 15 m, na Paraíba (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993), a 1500

m de altitude, na Chapada Diamantina, BA (ZAPPI et al., 2003).

Distribuição geográfica: *Casearia sylvestris* ocorre de forma natural na Argentina (SLEUMER, 1980), na Bolívia (KILLEEN et al., 1993), na Colômbia (SLEUMER, 1980), na Costa Rica (SLEUMER, 1980), em Honduras (SLEUMER, 1980), no México (SLEUMER, 1980), no Paraguai (MICHALOWSKI, 1953), no Uruguai (LOMBARDO, 1964) e na Venezuela (MEDINA; FRANCISCO, 1994).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 13):

- Acre (ARAÚJO; SILVA, 2000; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2003).
- Alagoas (FERREIRA; BATISTA, 1991; TAVARES, 1995).
- Amapá (SANAIOTTI et al., 1997).
- Amazonas (RIBEIRO et al., 1999).
- Bahia (FERNANDES; VINHA, 1984; STANNARD, 1995; MENDONÇA et al., 2000; ZAPPI et al., 2003).
- Ceará (DUCKE, 1959; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; TAVARES et al., 1974b; ARAÚJO et al., 1998).
- Distrito Federal (FILGUEIRAS; PEREIRA, 1990; WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (LOPES et al., 2000).
- Goiás (MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA et al., 2002).
- Maranhão (MIRANDA et al., 2002).
- Mato Grosso (RATTER et al., 1978; OLIVEIRA FILHO; MARTINS, 1986; POTT; POTT, 1994; PINTO, 1997; MARIMON et al., 1998; MARIMON; LIMA, 2001; MARIMON et al., 2001; AMOROZO, 2002; FELFILI et al., 2002).
- Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994).
- Minas Gerais (THIBAU et al., 1975; VIEIRA, 1990; RAMOS et al., 1991; BRANDÃO; ARAÚJO, 1992; CARVALHO, 1992; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992; BRANDÃO et al., 1993a e c; CALEGARIO et



Mapa 13. Locais identificados de ocorrência natural de cafezeiro-do-mato (*Casearia sylvestris*), no Brasil.

- al., 1993; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO, 1995; LACA-BUENDIA; BRANDÃO, 1995; VILELA et al., 1995; BRANDÃO et al., 1996; GAVILANES et al., 1996; ALMEIDA; SOUZA, 1997; ARAÚJO et al., 1997a; CORAIOLA, 1997; PEDRALLI et al., 1997; RODRIGUES; ARAÚJO, 1997; BRANDÃO et al., 1998a e b; BRINA, 1998; CARVALHO et al., 2000; NAPPO et al., 2000; WERNECK et al., 2000b; CAMPOS; LANDGRAF, 2001; COSTA; ARAÚJO, 2001; RODRIGUES, 2001; CARVALHO, 2002; ROCHA, 2003; SAPORETTI JUNIOR et al., 2003; SILVA et al., 2003; COSTA, 2004; GOMIDE, 2004; LIMA et al., 2004; MEYER et al., 2004).
- Pará (DANTAS; MÜLLER, 1979).
 - Paraíba (ANDRADE-LIMA; ROCHA, 1971; OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).
 - Paraná (WASJUTIN, 1954; HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972; KLEIN et al., 1979; CARVALHO, 1980; RODERJAN; KUNİYOSHI, 1988; CERVI et al., 1990; GOETZKE, 1990; SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1992; SILVA et al., 1995; DIAS et al., 1998; UHLMANN et al., 1998; SOARES-SILVA et al., 1998; SOUSA et al., 2000; MIKICH; SILVA, 2001; BIANCHINI et al., 2003; PEGORARO; ZILLER, 2003).
 - Pernambuco (LIMA, 1979; LYRA, 1982; PEREIRA et al., 1993; FERRAZ, 1994; TAVARES, 1995b).
 - Piauí (TORRES; YAMAMOTO, 1986).
 - Estado do Rio de Janeiro (CARAUTA; ROCHA, 1988; GUIMARÃES et al., 1988; BORÉM; RAMOS, 2001; SILVA; NASCIMENTO, 2001; BRAZ et al., 2004; PEIXOTO et al., 2004).
 - Rio Grande do Norte (TAVARES, 1960; FREIRE, 1990; CESTARO; SOARES, 2004).
 - Rio Grande do Sul (BAPTISTA; IRGANG, 1972; KNOB, 1978; SOARES et al., 1979; MARTAU et al., 1981; AGUIAR et al., 1982; JACQUES et al., 1982; PEDRALLI; IRGANG, 1982; KLEIN; SLEUMER, 1984; PEDRALLI, 1984; BRACK et al., 1985; LONGHI et al., 1986; PORTO; DILLENBURG, 1986; BUENO et al., 1987; LONGHI, 1987; LONGHI et al., 1992; TABARELLI, 1992; TABARELLI et al., 1992; ROSA; ROSA, 1996; LONGHI, 1997; COSTA et al., 2000; QUATRINI et al., 2000; JARENKOW; WAECHTER, 2001).
 - Rondônia (MIRANDA, 2000).
 - Roraima (MIRANDA; ABSY, 2000).
 - Santa Catarina (KLEIN, 1969; KLEIN; SLEUMER, 1984; STEINBACH; LONGO, 1992).
 - Estado de São Paulo (MAINIERI, 1967; NOGUEIRA, 1976; DE GRANDE; LOPES, 1981; SILBERBAUER-GOTTSBERGER; EITEN, 1983; CAVASSAN et al., 1984; MANTOVANI et al., 1985; PAGANO, 1985; TORRES; YAMAMOTO, 1986; DEMATTÊ et al., 1987; MATTES et al., 1988; CUSTODIO FILHO, 1989; MEIRA NETO et al., 1989; PAGANO et al., 1989; RODRIGUES et al., 1989; SILVA, 1989; VIEIRA et al., 1989; DURIGAN; DIAS, 1990; NICOLINI, 1990; GANDOLFI, 1991; MALTEZ et al., 1992; MANTOVANI, 1992; ORTEGA; ENGEL, 1992; TABARELLI et al., 1993; SALIS et al., 1994; COSTA; MANTOVANI, 1995; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; TOREZAN, 1995; DÁRIO; MONTEIRO, 1996; TOLEDO FILHO et al., 1997; CAVALCANTI, 1998; ALBUQUERQUE; RODRIGUES, 2000; DÁRIO; ALMEIDA, 2000; DURIGAN et al., 2000; FONSECA; RODRIGUES, 2000; AGUIAR et al., 2001; BATALHA; MANTOVANI, 2001; BERTANI et al., 2001; DURIGAN et al., 2002; SILVA; SOARES, 2002).
 - Sergipe (SOUZA et al., 1993; SOUZA; SIQUEIRA, 2001).

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: a posição do cafezeiro-do-mato nos grupos sucessionais é discutida por vários autores: espécie de subbosque (TABARELLI et al., 1993), pioneira (DIAS et al., 1998), secundária inicial (AGUIAR et al., 2001), secundária tardia (FERRETTI et al., 1995) ou clímax exigente em luz (PINTO, 1997).

Importância sociológica: *Casearia sylvestris* prefere a floresta primária alterada, onde existe menor incidência de luz (SOUSA et al., 2000). Contudo, após desmatamento, pode tornar-se invasora de pastagem cultivada (POTT; POTT, 1994).

Biomass / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifolia), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, no Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul, com frequência de 1 a 6 indivíduos por hectare (VASCONCELOS et al., 1992).

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifolia), nas formações Aluvial, Submontana e Montana, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 1 a 17 indivíduos adultos por hectare (VIEIRA et al., 1989; NASTRI et al., 1992; OLIVEIRA-FILHO et al., 1994; VILELA et al., 1994; CARVALHO et al., 2000; TOLEDO FILHO et al., 2000; RODRIGUES, 2001; SILVA; SOARES, 2002; ROCHA, 2003) ou até 170 indivíduos jovens com altura acima de 0,20 cm (MEIRA NETO; MARTINS, 2003).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, em Alagoas, no Estado do Rio de Janeiro, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 4 a 191 indivíduos por hectare (NASTRI et al., 1992; TABARELLI et al., 1993; BORÉM; RAMOS, 2001; DISLICH et al., 2001).

Em Ilhéus, BA, foram encontradas 32 árvores emergentes num hectare, 11 anos após a retirada dos cacauzeiros (FERNANDES; VINHA, 1984).

- Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), na formação Montana, no Paraná (OLIVEIRA; ROTT, 1982), em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com frequência de 2 a 57 indivíduos por hectare (GALVÃO et al., 1989; LONGHI, 1997; PEGORARO; ZILLER, 2003).
- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), na Paraíba, onde é rara (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993), e no Estado de São Paulo (DE GRANDE; LOPES, 1981; MANTOVANI, 1992).

Bioma Amazônia

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Amazônica de Terra Firme), no Amazonas (RIBEIRO et al., 1999).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, na Bahia, no Distrito Federal, em Goiás, no Maranhão, em Mato Grosso, em Minas Gerais, no Paraná, em Roraima e no Estado de São Paulo, com frequência de 2 a 40 indivíduos por hectare (SILBERBAUER-GOTTSBERGER; EITEN, 1983; MARIMON et al., 1998; DURIGAN et al., 2002; FELFILI et al., 2002; SILVA et al., 2002).
- Savana Florestada ou Cerradão, em Minas Gerais (GAVILANES; BRANDÃO, 1991;

GAVILANES et al., 1996; COSTA; ARAÚJO, 2001) e no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999; BATALHA; MANTOVANI, 2001).

- Campo Cerrado, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 1996; BRANDÃO et al., 1998) e no Estado de São Paulo (BATALHA; MANTOVANI, 2001).

Bioma Pantanal

- Pantanal Mato-Grossense (POTT; POTT, 1994).

Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001), em Mato Grosso, em Minas Gerais (CARVALHO et al., 1996; MEYER et al., 2004), no Paraná, em Rondônia e nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, com frequência de 3 a 71 indivíduos por hectare (SILVA et al., 1992; SILVA et al., 1995; SOARES-SILVA et al., 1992 e 1998).
- Brejo de altitude, em Pernambuco, com frequência de 30 a 45 indivíduos por hectare (FERRAZ, 1994).
- Campo Limpo, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001) e em Minas Gerais (GAVILANES et al., 1996).
- Campo de Murunduns, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001) e em Uberlândia, MG (RESENDE et al., 2004).
- Campo Rupestre ou de altitude, na Chapada Diamantina, BA (STANNARD, 1995) e na Serra da Bocaina, MG, onde sua presença é ocasional (CARVALHO, 1992).
- Capão de *Podocarpus lambertii*, no Rio Grande do Sul (LONGHI et al., 1992).
- Carrasco, no Ceará (ARAÚJO et al., 1998).
- Ecótono Savana / Restinga, na Paraíba (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).
- Floresta de pau-ferro (*Myracrodruon balansae*), no Rio Grande do Sul, com frequência de até 193 indivíduos por hectare (LONGHI, 1987).
- Vereda, em Minas Gerais (MENDONÇA et al., 2000).

Fora do Brasil, o cafezeiro-do-mato ocorre na Selva Misionera, na Argentina, com frequência de 33 a 72 indivíduos por hectare no Bosque Amazônico de terra firme e no Bosque Semidecíduo, na Bolívia (KILLEEN et al., 1993).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 830 mm, na Chapada Diamantina, BA (STANNARD, 1995), a 3.700 mm, na Serra de Paranapiacaba, SP.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, no Sul do Brasil (excetuando-se o norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Uniformes ou periódicas, na faixa costeira do sul da Bahia. Periódicas, nos demais locais.

Deficiência hídrica: nula, no Sul do Brasil (excetuando-se o norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Nula ou pequena, na faixa costeira da Bahia. Pequena, no verão, no sul do Rio Grande do Sul. Pequena, no inverno, no norte do Paraná e no extremo sul de Mato Grosso do Sul. De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal, no sudoeste do Espírito Santo, no sul de Goiás, no sul de Minas Gerais e no centro e no leste do Estado de São Paulo. De pequena a moderada no Amazonas, no norte de Mato Grosso, no Pará, em Rondônia e em Roraima. Moderada, no inverno, no sudeste e no leste de Minas Gerais, no norte do Paraná e no oeste do Estado de São Paulo. De moderada a forte, no inverno, no centro de Mato Grosso e no oeste de Minas Gerais. De moderada a forte, no oeste da Bahia.

Temperatura média anual: 16,2 °C (Castro, PR) a 26,8 °C (Caxias, MA).

Temperatura média do mês mais frio: 12,1 °C (Caxias do Sul, RS) a 26 °C (Manaus, AM).

Temperatura média do mês mais quente: 19,9 °C (Curitiba, PR) a 29,2 °C (Caxias, MA).

Temperatura mínima absoluta: -8,4 °C (Castro, PR). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -12 °C.

Número de geadas por ano: médio de 0 a 13; máximo absoluto de 35 geadas na Região Sul.

Classificação Climática de Koeppen:

Af (tropical superúmido), na faixa costeira do sul da Bahia, do Paraná e do Estado de São Paulo.

Am (tropical chuvoso, com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração), na Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro, no Amapá, no Estado do Amazonas e no Pará.

As (tropical chuvoso, com verão seco a estação chuvosa se adiantando para o outono), em Alagoas, na Paraíba, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e em Sergipe. **Aw** (tropical úmido de savana, com inverno seco), na Bahia, no Ceará, no Espírito Santo, no Maranhão, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Pará, no Estado do Rio de Janeiro, em Rondônia e no Estado de São Paulo.

Cfa (subtropical úmido, com verão quente), no Paraná, em Santa Catarina e no Estado de São

Paulo. **Cfb** (temperado sempre úmido, com verão suave e inverno seco, com geadas frequentes), no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. **Cwa** (subtropical, de inverno seco e verão chuvoso), no Distrito Federal, no sul de Goiás, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), na Chapada Diamantina, BA e no sul de Minas Gerais.

Solos

Casearia sylvestris ocorre, naturalmente, em diversos tipos de solos, de fertilidade química baixa a alta, solos úmidos ou secos e de textura arenosa a argilosa. Os solos de fertilidade química baixa, normalmente apresentam baixos teores de cátions trocáveis, altos teores de alumínio e pH baixo. Essa espécie requer solos com drenagem boa a regular.

Em plantios, tem crescido melhor em solos de fertilidade que varia de média a alta, com propriedades físicas adequadas, como bem drenados de textura argilosa a areno-argilosa.

Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciar a abertura espontânea. Em seguida, devem ser expostos ao sol, para completar a abertura e a liberação das sementes.

Número de sementes por quilo: 84 mil (LORENZI, 1992) a 230 mil (LONGHI, 1995).

Tratamento pré-germinativo: não é necessário.

Longevidade e armazenamento: as sementes dessa espécie têm comportamento recalcitrante com relação ao armazenamento. A viabilidade é curta, perdendo o poder germinativo após 20 dias da colheita (LORENZI, 1992; LONGHI, 1995).

Germinação em laboratório: essa espécie germina tanto na luz como no escuro (ROSA; FERREIRA, 2001).

Produção de Mudas

Semeadura: como as sementes são pequenas, recomenda-se semeá-las em sementeiras e depois repicar as plântulas para sacos de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio. A repicagem deve ser feita 3 a 5 semanas após a germinação.

Germinação: é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência tem início 20 a 40 dias após a sementeira. O poder germinativo é baixo, de 10% a 50%. As plantas atingem porte adequado para plantio cerca de 4 meses após a sementeira.

Cuidados especiais: durante a fase de viveiro, tolera sombreamento de intensidade média, pois a pleno sol as plântulas se desenvolvem bem mais lentamente do que as que permanecem na sombra.

Características Silviculturais

Espécie esciófila, que tolera baixas temperaturas.

Hábito: apresenta forma tortuosa, sem dominância apical definida, com ramificação pesada, bifurcações e com multitruncos. Apresenta, também, desrama natural fraca, devendo sofrer podas freqüentes de condução e dos galhos.

Métodos de regeneração: o cafezeiro-do-mato se desenvolve melhor em plantios sob cobertura (SOUSA et al., 2000). Rebrotada da touça, com a formação de vários brotos.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados de crescimento do cafezeiro-do-mato em plantios (Tabela 11). Contudo, seu crescimento é lento (TOLEDO FILHO; BERTONI, 2001).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira do cafezeiro-do-mato é densa - 0,84 g.cm⁻³ (BACKES; IRGANG, 2004).

Cor: a madeira do cafezeiro-do-mato é pardo-amarelada.

Outras características: a anatomia da madeira dessa espécie pode ser consultada em Pinho; Camargo (1979). A madeira dessa espécie é resistente ao cupim.

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: madeira de baixo

valor comercial. Contudo, na Região Metropolitana de Curitiba, PR, é utilizável para cabos de ferramentas ou de utensílios domésticos (BAGGIO; CARPANEZZI, 1998).

Energia: o cafezeiro-do-mato produz lenha de pouco valor.

Celulose e papel: essa espécie é adequada para papel (WASJUTIN, 1958). O comprimento das fibras é 1,54 mm e o teor de lignina com cinza é 25,61%.

Constituintes fitoquímicos: análises fitoquímicas dessa planta indicam a presença de óleo essencial em suas folhas (terpenos e triterpenos) esteróides ou triterpenóides, flavonóides, ácidos graxos e antocianosídeo (TESKE; TRENTINI, 1997). Outras partes dessa planta também apresentam taninos, saponinas e resinas.

A marcante percentagem de óleo essencial justifica seu emprego como cicatrizante, anti-séptico, antimicrobiano e fungicida.

Alimentação animal: no Pantanal Mato-Grossense, essa espécie é importante planta forrageira, tanto no período das cheias como durante a seca. Contudo, não é muito consumida quando não falta pasto (POTT; POTT, 1994). O teor de proteína bruta de 13% é bom para bovinos.

Apícola: as flores dessa espécie têm perfume de mel, sendo importante fonte melífera, com produção de pólen (STEINBACH; LONGO, 1992; POTT; POTT, 1994; RAMALHO, 2004). Segundo Backes; Irgang (2004), é uma das poucas espécies arbóreas melíferas de inverno.

Medicinal: há muito tempo, as folhas dessa espécie são amplamente utilizadas na medicina tradicional brasileira, principalmente no tratamento de queimaduras, ferimentos, herpes e pequenas lesões cutâneas. As folhas e casca são consideradas tônicas, depurativas, anti-reumáticas e antiinflamatórias (TESKE; TRENTINI, 1997). Estudos clínicos já confirmaram algumas das propriedades preconizadas pela medicina popular (LORENZI; MATOS, 2002).

Em Minas Gerais, é utilizada no tratamento de doenças de pele e como depurativo do sangue. Em muitos países da América do Sul, é incluída na composição de produtos dentários e anti-sépticos.

Tabela 11. Crescimento de *Casearia sylvestris*, em plantio, no Estado de São Paulo.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Moji Mirim ⁽¹⁾	4	3 x 3	80,0	3,45	3,1	PVAd

(a) PVAd = Argissolo Vermelho-Amarelo distrófico.
Fonte: ⁽¹⁾ Toledo Filho e Bertoni (2001).

Como indicações fitoterápicas, podem ser citadas úlcera gástrica, feridas, eczemas, pruridos, distúrbios da pele e picadas de insetos, hidropsia, distúrbios da orofaringe (aftas, herpes simples e halitose ou mau hálito), na forma de chá (BARROS, 1982). A infusão das folhas é administrada por veterinários no tratamento de vacas com problemas de retenção de placenta (BACKES; IRGANG, 2004).

O cafezeiro-do-mato exerce uma significativa ação antiúlcera, reduzindo o volume de ácido clorídrico produzido. Essa espécie não interfere no processo de digestão dos alimentos e nem na absorção das proteínas. Comparativamente à cimetidina, não aumenta o pH gástrico, o que ocasionaria dificuldades na digestão das proteínas. Ele também previne a irritação da mucosa gástrica induzida pelo estresse. Por conter taninos, forma revestimentos protetores na pele e nas mucosas, dificultando infecções. Aumenta a diurese e ativa a circulação periférica, estimulando o metabolismo cutâneo, com conseqüente tonificação local.

Segundo a crença popular, o lagarto-teiú (*Tupinamba* sp.) só enfrenta uma cobra, se houver um pé de cafezeiro-do-mato por perto, tamanho é o poder cicatrizante da planta. Estudos farmacológicos com ratos, utilizando o extrato de sua casca, mostraram atividade antiinflamatória, protegendo-os contra o veneno da cobra jararaca - *Bothrops jararaca* (LORENZI; MATOS, 2002). Por isso, essa espécie é usada, também, contra mordida de cobra.

Paisagístico: o cafezeiro-do-mato é uma espécie recomendada para arborização de ruas estreitas sob redes elétricas (LORENZI, 1992).

Plantios em recuperação e restauração

ambiental: essa espécie é recomendada para restauração de ambientes ripários (VILELA et al., 1993), onde suporta inundação e encharcamento; é usada, também, na revegetação natural de voçorocas (FARIAS et al., 1993).

As folhas dessa espécie fazem parte da dieta alimentar do macaco-bugio ou guariba - *Alouatta guariba* (VASCONCELOS; AGUIAR, 1982).

Principais Pragas

Coleobrocas, entre as quais *Engyum quadrinotatum* (Cerambycidae: Cerambycinae); *Xyleborus retusus* e *Xyloborus spinulosus* - Scolytidae: Ipiniae (MORAES; BERTI FILHO, 1974).

Espécies Afins

O gênero *Casearia* compreende cerca de 180 espécies, das quais 75 espécies ocorrem nos neotrópicos, do México até a Argentina (SLEUMER, 1980).

Sleumer (1980) considera duas variedades para essa espécie: *C. sylvestris* var. *sylvestris* e *C. sylvestris* var. *lingua*, mas admite a ocorrência de formas intermediárias entre ambas, dificultando sua identificação.

Vegetativamente *C. sylvestris*, às vezes, é muito semelhante a *C. obliqua* ou a *C. decandra* (TORRES; YAMAMOTO, 1986).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui